

## Editorial

O diálogo com o contemporâneo não pode estar ausente do trabalho de pesquisa. Os discursos teóricos e conceituais não estão dissociados da realidade que se desenrola ao seu redor, nela interferindo seja pela criação, seja pelo convite à reflexão que permite, de alguma maneira, trabalhar a transformação.

A pesquisa não pode estar separada do contexto histórico, político e social no qual ela se desenvolve, e esse diálogo parece ser fundamental para se vincular “ciência”, “pesquisa” e “vida humana”. Assim, se a pesquisa emerge da realidade, também pode – deve? – se voltar a essa realidade, devolvendo à sociedade com a qual se vincula as perspectivas desenvolvidas, bem como novas perguntas.

Na trilha das edições anteriores, este número de **Libero** contempla alguns aspectos da efervescência epistemológica que caracteriza, em sua pluralidade, a Área de Comunicação. Mais do que os alinhamentos, parecem ser os tensionamentos entre perspectivas, modos de pensar e fazer que impulsionam os desenvolvimentos da Área – uma complexidade que se reflete, ainda uma vez, nesta edição.

Dentre as contribuições, esta edição traz a segunda parte do texto de Fernando Andacht, da Universidade de Ottawa, Canadá, no qual são tecidas relações entre o escritor argentino Jorge Luís Borges e o filósofo norte-americano Charles S. Peirce, em que o conceito de “rede” é trabalhado em termos de um labirinto semiótico de múltiplas ressonâncias. Os problemas da imagem e do significado também estão presentes no texto de Bernard Darras, percorridos, nesse caso, pela transversalidade das relações de poder implicadas em todo processo de trânsito de informações no universo da Comunicação.

Trazendo ao debate elementos de um espectro que vai da literatura às placas de avisos cotidianos – quando investigado, o cotidiano se revela em uma complexidade que desafia quaisquer interpretações redutoras, sugerindo como a pesquisa, em seus jogos de luzes e sombras, pode contribuir para mudanças no olhar sobre o trivial – que, nesse momento, deixa de ser trivial para se tornar objeto de reflexão e, por que não, de auto-reflexão da pesquisa.

O convite é para percorrer essa trilha.

Antonio Roberto Chiachiri Filho  
Luís Mauro Sá Martino  
(libero@casperlibero.edu.br)